

A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul

Dep. Geografia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Gilmar Mascarenhas de Jesus
adrigil@marlin.com.br
(Brasil)

O Rio Grande do Sul, estado situado no extremo sul do Brasil, na fronteira com Argentina e Uruguai, realizou em seu território com grande êxito a difusão espacial do futebol, entre 1900 e 1920. No contexto brasileiro,¹ trata-se de um dos primeiros estados a adotar o futebol, possuindo ainda hoje o clube sobrevivente mais antigo do país, fundado em 1900. Mais que isso, o Rio Grande do Sul (RS) já realizava, em 1922, um campeonato que recobria espacialmente quase todo o estado, reunindo clubes provenientes de diversas cidades espalhadas pelo território estadual. Naquela época, a maioria dos campeonatos estaduais de futebol no Brasil se restringiam à capital dos estados e, no máximo, a seus arredores imediatos. O êxito da difusão do futebol local parece estar intimamente relacionado à influência platina, notadamente de Montevideo. Procuramos neste artigo mapear a "via platina" de introdução do futebol no RS, argumentando em torno de seu relevante papel neste processo.

<http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 5 - N° 26 -
Octubre de 2000

Trabajo presentado en el IIIº Encuentro Deporte y Ciencias Sociales y
1ºs Jornadas Interdisciplinarias sobre Deporte. UBA - 13 al 15 de Octubre 2000

1 / 2

Introdução

A historiografia do futebol brasileiro apresenta imensas lacunas no que diz respeito ao processo de introdução e difusão espacial deste esporte. A escassa literatura acadêmica concentra suas atenções no eixo metropolitano Rio-São Paulo, alimentando um estado de ignorância acerca do passado histórico futebolístico na maior parte do imenso território brasileiro.

O Rio Grande do Sul, doravante aqui mencionado pela sigla "RS", estado situado no extremo sul do Brasil, realizou em seu território com grande êxito a difusão espacial do futebol, entre 1900 e 1920. No contexto brasileiro, trata-se de um dos primeiros estados a adotar e organizar a prática do futebol, possuindo ainda hoje o clube sobrevivente mais antigo do país, o Sport Clube Rio Grande, fundado em julho de 1900. Mais que isso, o Rio Grande do Sul (RS) já realizava, em 1922, um campeonato que recobria espacialmente quase todo o estado, reunindo clubes provenientes de diversas cidades espalhadas pelo território estadual. Nas primeiras décadas do século XX, as cidades da Campanha Gaúcha (a metade setentrional do RS, historicamente muito articulada com a região platina) dominavam o campeonato gaúcho. Vale destacar que naquela época, a maioria dos campeonatos estaduais de futebol no Brasil se restringiam à capital dos estados e, no máximo, a seus arredores imediatos. O êxito da difusão do futebol local está intimamente relacionado à influência platina, principalmente de Montevideo.

Procuramos neste artigo apresentar a "via platina" de introdução do futebol no RS, argumentando em torno de seu relevante papel neste processo.

Para verificar quando e de que forma (por quais "caminhos") o futebol se introduz na vida social gaúcha (está embutida nesta interrogação a preocupação geográfica com contexto histórico-espacial), dividimos o presente artigo em três segmentos. No primeiro, demonstramos o quanto a formação territorial gaúcha está vinculada ao próspero eixo do Prata, muito mais que ao restante do Brasil, guardando por isto singularidade. A seguir, apresentamos o Prata

como a região pioneira no futebol sul-americano. Por fim, reunindo os fatores apresentados nos dois primeiros segmentos, investimos em situações concretas que atestam a forte influência platina no processo de difusão do futebol no RS.

1. A Formação Territorial do RS e suas conexões com o Prata

“A extremidade meridional do território que hoje constitui o Brasil, permaneceu durante muito tempo fora de sua órbita. (...) Tratava-se de uma área deserta e que parecia sem grande interesse (...) um grande vácuo, portanto, separava as duas nações .”(Caio Prado Júnior, 1990:94).

A historiografia acerca da complexa formação territorial gaúcha apresenta vários aspectos divergentes, mas não foge ao consenso básico de que se trata de um processo de integração tardia da região ao restante do Brasil colonial, desvinculada que estava esta dos interesses agro-mercantis da metrópole.² A preia do gado selvagem em vastas planícies manteve tais espaços sob ocupação humana instável e rarefeita. Formou-se assim um modelo de organização espacial sob as mesmas determinações históricas do restante da região platina, este “espaço-em-construção” em expansão no século XVIII: atividade pastoril rudimentar, escassos núcleos urbanos e imensas estâncias, espaço disputado precariamente por duas metrópoles (Osório, 1995:112-113). Esta vinculação estreita com a região cada vez mais polarizada por Buenos Aires e Montevideo condicionará toda a vida de relações no território em pauta, afetando inclusive (e decisivamente) o futebol, conforme veremos mais adiante.

Com o advento, em 1828, de fronteiras internacionais definitivas (Brasil-Uruguai) no interior de uma região de ampla mobilidade interna de mercadorias, a prática do contrabando tornou-se uma regra. Segundo Pesavento (1980:40-41), perturbações ocorridas no Prata permitiram que o gado gaúcho penetrasse em território uruguaio (desorganizado por conflitos com a Argentina) livre de impostos, de forma que em meados do século XIX as charqueadas da Campanha Gaúcha vivessem seu apogeu. E assim, as cidades de Rio Grande e Pelotas juntas começavam a sobrepujar a capital estadual Porto Alegre em população e dinamismo econômico. O fariam mais tarde também a partir do futebol.

Com a expansão das ferrovias uruguaias até atingir a fronteira brasileira (década de 1890), e a precariedade da rede viária gaúcha, os pecuaristas da Campanha utilizam crescentemente o porto de Montevideo, fortalecendo ainda mais as relações com o Prata. Este aspecto será melhor desenvolvido no terceiro segmento. Por enquanto, e para concluir este breve segmento, é importante assinalar que, seguindo a posição majoritária na historiografia, falamos aqui em “fortes relações do RS com o Prata”. Na verdade, era o RS de então parte indissociável da realidade geográfica platina, e não algo externo com o que se estabelece relações. Quando foi criado o estado-nação uruguaio, em 1828, impôs-se uma fronteira dividindo um espaço que até então fora uniformizado cultural e economicamente: o Pampa sul-rio-grandense (aliás unidos politicamente entre 1820 e 1828) (Haesbaert, 1988). Souza (1995:130) considera artificial a fronteira internacional então criada, posto se tratar da pretensa separação de uma região homogênea, um campo indiviso: atividade pastoril extensiva, baixa densidade demográfica, latifúndios, os hábitos culturais, os trajes e mesmo o linguajar em comum de seus habitantes. Devemos portanto estudar o advento do futebol no RS sem jamais ignorar a “unidade platina”, que se manifestava nos mais diversos campos da vida social.

2. A Força do Futebol no Rio da Prata

Na América do Sul, os interesses britânicos, apesar de territorialmente difusos, encontravam particular concentração no rico comércio platino. Por volta de 1890, a Argentina era a principal provedora de matéria-prima da Inglaterra, mantendo-a suprida de carnes, cereais e lã. A cidade de Buenos Aires, grande porto escoador e cabeça de ampla rede ferroviária, apresentava vertiginoso crescimento econômico e demográfico, alcançando a marca dos 950 mil hab. em 1904. O afluxo de migrantes era imenso: dos 600 mil habitantes existentes em 1895, metade era composta por italianos, e os estrangeiros ao todo somavam 3/4 da população portenha,

conformando um ambiente urbano cosmopolita, de intensas trocas culturais. As novas elites (industriais e grandes comerciantes) adotam o ideário europeu “civilizador” em detrimento do arcaísmo caudilhesco.³ Trata-se de um cenário muito propício à adoção de inovações como o futebol.⁴

Viviam na muito próspera capital argentina do final do século XIX nada menos que 40 mil ingleses, e a grande maioria dos primeiros clubes argentinos de futebol era formada no interior dos estabelecimentos de ensino para filhos de altos funcionários membros da colônia inglesa, como por exemplo o famoso clube “Alumni”, do Buenos Aires English High School (REY, 1948; SEBRELI, 1981:20; ARCHETTI, 1995:203; FRYDENBERG, 1996b). Até 1905, o inglês será o idioma oficial das atas da Argentinean Association Football League (CERUTTI, 1990). Os ingleses no Brasil, em muito menor número, fundaram clubes e colaboraram decisivamente na criação de algumas ligas, mas não chegaram a monopolizar o futebol por tanto tempo ou de forma tão contundente como no Prata, fato que traduz sua presença expressiva na região.⁵

Contando com a rede ferroviária, logo o futebol vai espalhar-se para além da capital, atingindo La Plata (1887), Quilmes (1897) e Rosário (1889) (CERUTTI, 1990:13). Neste sentido, na virada do século XIX para século XX o futebol começa a deixar de ser privilégio de ingleses e da elite local (ALABARCES e RODRIGUES, 1996:24; FRYDENBERG, 1996a). Em 1899 é criada uma “segunda divisão” no interior da liga para abrigar o volume crescente de novos clubes de futebol. Tal movimento coincide, segundo Frydenberg (1996b e 1996c), com outras importantes “novidades” na vida urbana: a formação dos “modernos setores populares” (o proletariado) e da própria “cidade moderna”. Trata-se de abordar o futebol sob novos ângulos, inserindo-o no contexto histórico.

Após este olhar panorâmico sobre a introdução e o estágio alcançado pelo futebol em Buenos Aires, vejamos a situação do outro lado do Prata.

Segundo Juan Capelán (1990:7), marinheiros ingleses praticavam regularmente o futebol em Montevideo por volta de 1880. Muito conectadas à Inglaterra (e à cidade de Buenos Aires) naqueles fins do século XIX, as elites montevidéanas elegeram tal esporte como via privilegiada de “exercício atlético” e como forma da “raça latina” adquirir força e confiança (ROCCA, 1990:9). Em 1893, o reitor Alfredo Vázquez já dizia que através do futebol a raça saxônica seria enfim superada pela latina (MORALES, 1969:25). Não por acaso, partiu de acadêmicos de medicina a idéia de fundar em 1899 um clube nativo para enfrentar os times ingleses (e um importante clube alemão, o Deustcher Fussball Klub), com o revelador nome de “Club Nacional de Football” (C.N.F., 1938:14).

Entre 1852 e 1908, o exôdo rural se impõe (vide o fechamento dos campos), a cidade se industrializa e cresce vertiginosamente, vendo neste período sua população saltar de 33 mil para 300 mil habitantes. Forma-se um cinturão de bairros periféricos fabris, chamados de “Nuestro Manchester”, “Birmingham”, etc (LENZI, 1986:18-29). Tal qual em Buenos Aires, o futebol vai rapidamente romper os círculos elitistas e disseminar-se pelas ruas como elemento de uma “cultura operária” em formação. Franklin Morales aponta para a necessidade de preenchimento do tempo livre numa cidade que não oferece aos pobres recém-chegados qualquer possibilidade de lazer. E sugere que a convivência de diferentes grupos étnicos despossuídos, numa “promiscuidade forçada”, germinou uma rica cultura popular, e o “futebol é o produto comunitário deste ambiente”, tendo o tango “a mesma raíz” (MORALES, 1969:25-26).

E assim o esporte inglês se fez popular no Rio de Prata. Nas ruas, milhares de praticantes. No plano oficial, ligas poderosas e atuantes, erguendo os primeiros estádios, atraindo as primeiras multidões. Segundo José Buzzetti (1969:10), em 1912 há uma “nova expressão” em Montevideo: “verdaderas corrientes humanas se desplazan a los campos de juegos de los mas afastados barrios”. Em Buenos Aires, o processo de popularização do futebol segue ritmo semelhante: em 1917, 30 mil pessoas (formidável contingente humano para a época) assistiram ao jogo final do campeonato argentino (IWANCZUK, s/d:240). Um verdadeiro fenômeno de massas estava em gestação.

É sobretudo nos primeiros anos do século XX que o futebol se disseminará pelas pequenas cidades do interior do Uruguai, até atingir a fronteira com o Rio Grande do Sul. Se na Argentina o futebol percorreu os trilhos das ferrovias que “civilizaram os pampas” (BAYER, 1990:20), no Uruguai este processo de difusão espacial se utiliza também das ferrovias e se estende à Campanha Gaúcha, para além do território nacional uruguaio, área de plena influência urbana de Montevideo. Tais conexões propiciaram as vias “platinas” de penetração do futebol em terras riograndenses e são assunto do próximo segmento.

3. Influências Platinas no futebol do Rio Grande do Sul

No início do século XX poucas cidades no Brasil conheciam o futebol, e um número ainda menor delas o praticavam com alguma regularidade. Levantamentos que realizamos em livros, arquivos e em jornais de diversas cidades do país revelam o estranhamento que tal esporte poderia causar mesmo em certas capitais. A rigor, em 1900 não existia no Brasil nenhuma liga de futebol e portanto nenhum campeonato (MASCARENHAS, 1998). Em toda a América do Sul, ao que parece, somente o próspero eixo do Prata realizava regularmente eventos futebolísticos naquela virada de século.

Nos limites deste artigo, destacaremos duas cidades gaúchas, ambas bastante isoladas dos grandes centros nacionais. Santana do Livramento, pela intensidade da conexão com o Prata e particularmente por realizar o mais significativo “par de cidades” na fronteira gaúcha com o Uruguai (o que resultou em precoce adoção do futebol) . E Uruguaiana, pela localização no extremo sudoeste do estado, cumprindo papel importante da difusão do futebol, permitindo mais tarde ampla cobertura espacial do campeonato gaúcho. Antes, algumas palavras sobre a expansão da malha ferroviária uruguaia no final do século XIX, processo fundamental no aprofundamento da influência de Montevideo sobre as cidades da Campanha Gaúcha.

Vimos que, com base no intenso comércio portuário e nos primeiros passos da intensa industrialização, a cidade de Montevideo desfrutava de ampla prosperidade desde meados do século XIX. É neste contexto que em 1863 instala-se uma sucursal do Banco de Londres, detendo já um plano completo de implantação de ferrovias no país. Os primeiros trilhos ferroviários se implantam em 1869 (MARTINEZ, 1977:38-39). E logo a vasta hinterlândia de Montevideo vai sendo rapidamente desbravada pelos trilhos, que alcançam as cidades fronteiriças de Artigas e Rivera respectivamente em 1891 e 1892. Interessa-nos o fato de que toda esta expansão traz consigo grande afluxo de quadros técnicos provenientes da Grã-Bretanha, para manutenção/expansão das vias e máquinas. Considerando-se que neste mesmo período o futebol já havia se popularizado nos grandes centros industriais britânicos, pode-se imaginar a ampla contribuição dos técnicos na introdução e difusão deste esporte entre operários ferroviários e comunidades dispersas ao longo da zona de cobertura da malha ferroviária.

A chegada das ferrovias tornará a Campanha Gaúcha ainda mais polarizada pela capital uruguaia. A região sudoeste do estado permanecia relativamente isolada dos principais centros urbanos gaúchos, face à precariedade dos meios de comunicação. Da cidade de Uruguaiana, em fins do século passado, as diligências levavam três dias para atingir a cidade gaúcha mais próxima, Alegrete. Para alcançar Rio Pardo demandavam 15 dias, e um pouco mais para atingir Rio Grande ou Porto Alegre, pois a conexão ferroviária com a capital gaúcha somente ocorrerá em 1907 (Haesbaert, 1988:71). Em contrapartida, os trilhos da Brazil Great Southern (empresa inglesa) atingiam a cidade em 1887, conectando-a com Quaraí, na fronteira com Artigas, que logo estará conectada com Montevideo. E assim, por volta de 1900, em plena fase de crescimento, Uruguaiana dispunha de representações de bancos ingleses, franceses e italianos, com sede em Buenos Aires e Montevideo. Nos jornais de então, verificamos diversos anúncios de negócios realizados com moeda uruguaia ou argentina, sendo também comum o uso cotidiano do idioma castelhano.⁶ Sem dúvida, aquele “pedaço” do Brasil estava plenamente mergulhado na área de influência de Montevideo e Buenos Aires.

Em entrevistas com dirigentes esportivos e outros segmentos sociais de Uruguaiana, obtêm-se a informação unânime de que o atual Esporte Clube Uruguaiana é o mais antigo da cidade,

fundado em 1912. A opinião geral é de que antes desta data já se praticava o futebol porém informalmente, sem agremiações organizadas em atas etc. Tal informação entretanto não resistiu a poucas horas de consulta em jornais locais do início do século. Por ocasião da fundação do E.C. Uruguiana, por exemplo, o jornal A Nação faz o seguinte registro:

*...acaba de ser fundado um novo gremio de "football" (...)os "footballers" que o compõem são jogadores já experimentados pelo que há de se esperar que ao entrar em liça conquistem entre os outros clubs desse gênero o lugar que lhes compete. Foi eleito presidente honorário o sr. A.F. Lockwod Chompson.*⁷

Dois aspectos devem ser realçados neste registro. Primeiramente, o fato de preexistirem "clubs" quando da fundação do E.C. Uruguiana (aliás, em outras edições da mesma época, o referido jornal noticia confrontos de outros clubes da cidade, alguns com "concorrência extraordinária" e presença de bandas de música, o que denota estágio de adoção relativamente avançado). Em segundo lugar, a presença de um cidadão de nome britânico à frente do clube, o que nos desperta o interesse não por estranhar algo tão corriqueiro nos primórdios do futebol brasileiro, mas por se tratar de fato desconhecido por todos os entrevistados.⁸ Sugerimos que tal ignorância seja fruto, uma vez mais, das deturpações construídas historicamente, através da tradição oral, da força do discurso regionalista ou mesmo de registros tendenciosos, muito comum na literatura futebolística.⁹

Há portanto claros indícios de que o futebol tenha se introduzido na vida urbana uruguiana bem antes do que se imagina. A presença de ingleses e as elogiosas notas na imprensa de época sinalizam que a prática esportiva transcorria plenamente no interior de círculos sociais privilegiados. Podemos ainda visualizar um movimento de popularização do futebol em Uruguiana na década seguinte à sua introdução na cidade, e o exemplo do Esporte Clube Ferro Carril, fundado em 1916, nos parece sugestivo. Nas palavras de seu atual presidente, o clube fora desde o início uma iniciativa de operários ferroviários.¹⁰ Por outro lado, descobrimos que na vizinha cidade uruguia de Salto, servida pelo mesmo ramal ferroviário de Uruguiana, um clube homônimo foi criado por trabalhadores da ferrovia um pouco antes, em 1912.¹¹ Conhecendo esta forte tradição uruguia inaugurada pelo popularíssimo Peñarol no início do século, adicionada às conexões platinas de Uruguiana e o nome escolhido para o clube (em castelhano), sugerimos que o ato de fundação do Ferro Carril uruguianense se remete à tradição uruguia em questão, sendo possivelmente mais um desdobramento da influência platina no futebol gaúcho.

Santana do Livramento é outro caso que merece alusão. Sua origem e evolução não pode ser dissociada de Rivera, cidade uruguia com a qual forma um autêntico "par de cidades" fronteiriço (SCHÄFFER, 1993:14). No final do século XIX, os investimentos uruguaios se ampliavam rapidamente (telefonía, eletrificação etc.), e com as ferrovias Livramento tornara-se efetivamente ponto de penetração no território nacional da pujança econômica de Montevideo. Vera Albornoz (1997:105) afirma que o período de 1892 (chegada da ferrovia) a 1916 foi marcado pela "supremacia uruguia", sendo Livramento uma cidade dependente do centro metropolitano de Montevideo.¹² O fato de Livramento vivenciar naquele período um pequeno surto industrial, com crescimento demográfico e atração de migrantes, configurava um cenário particularmente receptivo ao futebol. E este chegaria rapidamente, pois a metrópole com a qual Livramento mantinha íntimas conexões já era um grande centro futebolístico na virada do século. E assim verificaremos um dos casos mais precoces de adoção do futebol no Brasil urbano.

Em 1902, muito raras eram as cidades brasileiras que praticavam o futebol com alguma regularidade. Podemos afirmar sem grandes riscos que esta prática estava circunscrita quase exclusivamente a São Paulo e algumas cidades portuárias, como Rio de Janeiro, Belém, Rio Grande e Salvador, e ainda assim somente a primeira delas dispunha de uma liga, que naquele ano realizava seu primeiro campeonato de clubes (MASCARENHAS, 1998). Uma aglomeração urbana do porte de Livramento, naquele momento, teria pouquíssimas chances de dispor da informação "futebol" e ainda menores probabilidades de incorporá-lo como prática social. Considerando-se sua localização, distante dos grandes centros urbanos nacionais, das zonas portuárias mais dinâmicas ou de outras atividades potencialmente aglutinadoras de agentes

britânicos (minas, grandes fábricas etc.), Livramento certamente estaria alijada do mapa do futebol no Brasil no início do século. Não fosse, é claro, a forte conexão com Montevideo.

Naquele ano distante de 1902 a cidade fronteiriça sem grande expressão econômico-demográfica já sediava um clube de futebol. Trata-se do 14 de Julho. Não é difícil imaginar as motivações para tal iniciativa, pois em toda a área de influência de Montevideo o futebol provavelmente já era bem conhecido em 1900, pelas razões aqui já apresentadas. Ademais, a cidade de Rivera possuía seus clubes de futebol. As vinculações estreitas de Livramento com esta cidade provocavam ao menos duas motivações diretas: copiar o modismo em voga e o desejo de desafiar os vizinhos uruguaios, por razões óbvias de alteridade. O estudioso Carlos Lopes dos Santos (1975:87) nos confirma este último caminho. O 14 de Julho, vale lembrar, não é a primeira instituição a desenvolver a prática do futebol em Livramento. Segundo Carlos Santos (1975:88), antes deste clube houve um outro, fundado por um uruguaio conhecido por Pepe Lay (provavelmente no final do século passado). Mas esta agremiação durou pouco tempo, devido à hostilidade local, que alcançou inclusive as autoridades municipais. Em síntese, não resta dúvida da influência uruguaia na adoção do futebol em Livramento.

Para finalizar este segmento, vale citar que importantes centros como Pelotas e Rio Grande, que lideraram o futebol gaúcho em seus primeiros momentos, também contaram com influência platina. Na segunda década do século XX, seus clubes já “importavam” jogadores uruguaios, garantindo melhor performance nas competições estaduais (ALVES, 1984).

Conclusão

O território gaúcho, dada sua formação histórica, apresenta larga extensão de fronteiras internacionais, que correspondem a mais da metade de seus limites e representam mais de 10% do total das fronteiras do Brasil. Se o estado do Amazonas é o único a superar o RS em extensão de fronteiras internacionais, estas são um tanto despovoadas, caracterizando um quadro de isolamento. Ademais, um outro aspecto salienta a condição de excepcionalidade que pretendemos frisar. A linha fronteiriça do RS com a Argentina é inteiramente natural (formada pelo rio Uruguai), mas a que nos separa do Estado uruguaio, ao contrário, é artificial em quase toda a sua extensão, favorecendo o intercâmbio econômico e sócio-cultural (Haesbaert, 1988:11-13). Esta linha de fronteira cumprirá papel relevante na difusão do futebol pela Campanha Gaúcha.

A existência desta fronteira “viva” pouco valeria em nosso estudo não fossem os vizinhos em pauta as duas nações que sem dúvida mais precocemente desenvolveram este esporte na América do Sul. A capital argentina, por seu porte e riqueza, desenvolveu rapidamente o futebol, ao que os uruguaios, por intensa rivalidade, procuraram reagir prontamente. É através da “fronteira viva” com o Uruguai, que centros urbanos de pequeno porte tiveram acesso a “informações” até então praticamente restritas aos grandes centros e às zonas portuárias mais dinâmicas.

Trata-se sem dúvida de uma adoção precoce do futebol no contexto brasileiro. Procuramos aqui não apenas demonstrar tal precocidade como sobretudo entendê-la a partir das fortes conexões do RS com as metrópoles do Prata, numa tentativa de abordagem geográfica do processo de difusão do futebol.

Notas

1. O presente estudo é uma parte da investigação efetuada para a tese de doutorado (em fase de conclusão) em Geografia Humana na Universidade de São Paulo, intitulada “A bola nas redes: mundo e lugar no advento do futebol no Brasil urbano. O caso do Rio Grande do Sul”, de nossa autoria. Trata-se de um esforço no sentido de superar parte do persistente desconhecimento acerca da história social do futebol em outras regiões para além do eixo Rio-SP, bem como de inserir no debate histórico o papel do território e sua dinâmica no advento e difusão espacial do futebol.

2. A historiadora Helen Osório (1995:113) enquadra como “espaço colonial periférico” as terras setentrionais da Banda Oriental do Rio Uruguai, que hoje conhecemos como Rio Grande do Sul. Os geógrafos Haesbaert e Moreira (1982:59) elencam ainda três outros fatores básicos para tal diferenciação em relação aos eixos privilegiados da empresa colonial portuguesa: relativa inacessibilidade (litoral inóspito), posição distante dos núcleos básicos de colonização e ausência de recursos naturais que despertassem interesse na metrópole.
3. Conjunto de informações extraído de Vasquez-Rial, 1996.
4. Estamos desenvolvendo uma metodologia para o estudo da difusão espacial do futebol a partir da ação das redes internacionais e da especificidade de cada lugar, partindo da premissa de que a circulação da informação, dos agentes difusores, a própria definição das rotas de difusão compõem um cenário inseparável da realidade histórica e geográfica. Ver Mascarenhas (2000). Sobre o papel das migrações na difusão do futebol em Buenos Aires, ver a contribuição de Di Giano (1999).
5. Frydenberg (1996b), ao estudar a origem das denominações de clubes de futebol em B. Aires, verifica a forte influência da língua inglesa, que perdura ainda hoje: River Plate, Racing, etc.
6. Cf. Câmara Municipal de Uruguaiana, s/d, p. 83-84.
7. A Nação, 27 de maio de 1912. Os termos entre aspas estão em grafados em itálico no original.
8. Estivemos na cidade de Uruguaiana entre os dias 31 de maio e 02 de junho de 1999, levantando dados em arquivos locais e entrevistando informalmente diversas pessoas envolvidas com a história do futebol e da cidade. O sr. Andre Alves, vice-presidente do E.C. Uruguaiana, afirma estar sendo realizado um resgate dos arquivos do clube (atas, fotografias etc.) para futuramente se ter maior conhecimento de sua história. Também ele garante a origem “nativa” do clube.
9. Sobre os persistentes mitos que preenchem a historiografia do futebol argentino, consulte-se a revisão crítica em elaboração por Frydenberg (1996) e outros.
10. Entrevista com o presidente do clube, sr. “Nilton”, mais de quarenta anos a serviço do clube.
11. Informação colhida em encarte denominado “Ferro Carril Fútbol Club”, s/d, s/a, contido em pasta-arquivo sobre futebol, na Biblioteca Nacional do Uruguai, em Montevideo.
12. Para ilustrar o quadro de subordinação de Livramento à capital uruguiaia, registre-se que as correspondências com destino a outras cidades brasileiras (exceto as vizinhas imediatas) seguiam pelo correio em ferrovia até Montevideo, de onde embarcavam em direção ao Brasil (ALBORNOZ, 1997:106).

Bibliografia

- ALBORNOZ, Vera. *O frigorífico Armour na fronteira Santana do Livramento - Rivera*. Porto Alegre: PUC, dissertação de mestrado em História, 1997.
- ALABARCES, Pablo, e RODRIGUES, Maria. *Cuestión de Pelotas: fútbol, deporte, sociedad, cultura*. Buenos Aires: Atuel, 1996, 216 p.
- ALVES, Eliseu de Mello. *O Futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984, volume I.
- ARCHETTI, Eduardo. In *Search of National Identity: Argentinian Football and Europe* *The International Journal of History of Sport*, vol.12, n.3, dezembro de 1995, pp. 201-19.
- BAYER, Osvaldo. *Fútbol Argentino: pasión y gloria de nuestro deporte más popular*. Buenos Aires: Sudamerica, 1990.
- BUZZETTI, Jose Luis. *La Nacionalizacion del Futbol*. IN: BUZZETTI (org.) *El fútbol: antología*. Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1969.
- CÂMARA MUNICIPAL DE URUGUAIANA. *Uruguaiana: imagem viva da terra gaúcha*. Uruguaiana, s/d.
- CENTRO CULTURAL DE URUGUAIANA. *“Futebol”*, pasta número 17. Uruguaiana, 1998.
- CAPELLAN, Juan. *Nueve décadas de gloria: La Escuela Futbolística Uruguaya*. Montevideo: Estampa, 1990. 144p.

- CERUTTI, Carlos. *Miscelanea del Fútbol*. Buenos Aires: Rundi Nuskin, 1990.
- C.N.F. (CLUB NACIONAL DE FUTBOL). *História Completa de las Glórias del Club Nacional de Fútbol*. Montevideo: CNF, 1938.
- DI GIANO, Roberto. El Fenomeno Migratório y el Fútbol. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), num 13, año III, marzo/1999, Buenos Aires.
- FRYDENBERG, Julio. David. Nuevos aportes en torno de la historia del fútbol argentino. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), año I, num. 1, marzo 1996, Buenos Aires.
- _____. Los Nombres de los Clubes de Fútbol: Buenos Aires, 1880-1930. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), año I, num. 2, setiembre 1996, Buenos Aires.
- _____. Espacio Urbano y practica del fútbol: Buenos Aires 1900 - 1915. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), num 13, año III, marzo/1999, Buenos Aires.
- HAESBAERT, Rogério. *RS: Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- _____ e Moreira, Igor. Espaço e sociedade no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, 109 p.
- IWANGZUK, Jorge. *Historia del Fútbol Amateur en la Argentina*. Buenos Aires: Ed. Sports. s/d.
- LENZI, Ricardo, et al. *El Montevideo de la Expansión (1868 - 1915)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, 163 p.
- MARTINEZ, Nelson. *Los ferrocarriles británicos en el Uruguay, desde sus orígenes hasta la crisis del 90*. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1977.
- MASCARENHAS, Gilmar. Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. *II Coloquio Internacional de Geocrítica*. Universidade de Barcelona, 24 a 26 de maio de 2000. (www.ub.es/geocrit.)
- _____. Beyond Janet Lever: the spatial diffusion of football in Brazil. Trabalho apresentado no *IV Congress of History of Sport*, promovido pelo CESH (European Committee for the History of Sport)..Firenze, 2 a 5 de dezembro de 1999.
- _____. Fútbol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), num 10, año III, mayo/1998, Buenos Aires.
- MORALES, Franklin. *Fútbol: mito y realidad*. Montevideo: Nuestra Tierra, 1969.
- OSÓRIO, Helen. *O Espaço Platino: fronteira colonial no século XVIII*. In: CASTELLO et al (orgs.) *Práticas de Integração nas Fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp.110-114, 1995.
- PESAVENTO, Sandra. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- PIÑERUA, Darwin. *Evolución Histórica y Estructura Actual de la Confederación Atlética del Uruguay*. Tesis doctoral, Escuela Alemana de Deportes, Colonia, 1976.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990, 38ª edição.
- REY, Alfonso. *El Fútbol Argentino*. Buenos Aires:Ediciones Nogal, 1948.
- ROCCA, Pablo. *Literatura y Fútbol en el Uruguay*. Montevideo: Arca, 1990.
- SANTOS, Carlos Lopes. *Na Sombra dos Eucaliptos*. Porto Alegre: Globo, 1975.
- SCHÄFFER, Neiva Otero. *Urbanização na Fronteira: expansão de Santana do Livramento/RS*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Prefeitura Municipal de Santana do Livramento, 1993.
- SEBRELI, Juan. *Fútbol y Masas*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1981.
- SOUZA, Susana. Os Caminhos e os Homens do Contrabando. IN: CASTELLO et al (orgs.) *Práticas de Integração nas Fronteiras: temas para o Mercosul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995, pp.126-139.
- VASQUEZ-RIAL, Horácio. *Buenos Aires: la capital de un Imperio Imaginado*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

